

ARTIGO

Carta de um doutorando para uma mestra: o uso da metanarrativa para refletir sobre a trajetória acadêmica em educação e áreas afins

LUIZ ADEMIR BASSANI¹

¹ PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS, CAMPINAS, SÃO PAULO, BRASIL

Resumo

Este artigo adota uma abordagem autobiográfica e metanarrativa para refletir sobre a trajetória acadêmica no doutorado em Educação, destacando desafios emocionais e intelectuais. A escrita em formato de carta busca estabelecer um diálogo pessoal e acessível, combinando experiência vívida e análise crítica. Conclui-se que, embora o doutorado imponha desafios semelhantes ao mestrado, a experiência prévia e uma abordagem mais estruturada contribuem para mitigar adversidades derivadas de tensões acadêmicas, reforçando a importância do suporte social e do autoconhecimento. As contribuições aplicam-se também a outras áreas das Ciências Humanas e Aplicadas.

Palavras-chave: metanarrativa, pós-graduação, saúde mental.

Letter From a Doctoral Student to a Master: The Use of Metanarrative to Reflect on the Academic Trajectory in Education and Related Fields

Abstract

This article adopts an autobiographical and metanarrative approach to reflect on the academic journey within a doctoral program in Education, highlighting emotional and intellectual challenges. Written in the form of a letter, it seeks to establish a personal and accessible dialogue, combining lived experience with critical analysis. It concludes that, although doctoral studies impose challenges similar to those encountered in a master's program, prior experience and a more structured approach help mitigate adversities arising from academic tensions, reinforcing the importance of social support and self-knowledge. The contributions are also applicable to other fields within the Human and Applied Sciences.

Keywords: metanarrative, postgraduate, mental health.

Carta de un Doctorando para una Maestra: El Uso de la Metanarrativa Para Reflexionar Sobre la Trayectoria Académica en Educación y Áreas Afines

Resumen

Este artículo adopta un enfoque autobiográfico y metanarrativo para reflexionar sobre la trayectoria académica en el doctorado en Educación, destacando desafíos emocionales e intelectuales. La escritura en formato de carta busca establecer un diálogo personal y accesible, combinando experiencia vivida y análisis crítico. Se concluye que, aunque el doctorado impone desafíos similares a los de la maestría, la experiencia previa y un enfoque más estructurado contribuyen a mitigar las adversidades derivadas de las tensiones académicas, reforzando la importancia del apoyo social y del autoconocimiento. Las contribuciones también son aplicables a otras áreas de las Ciencias Humanas y Aplicadas.

Palabras-clave: metanarrativa, posgrado, salud mental.

PREPARAÇÃO DA MOCHILA E ACLIMATAÇÃO

Sou doutorando em Educação e decidi converter em carta as narrativas produzidas durante as disciplinas e momentos de estudo do primeiro semestre, endereçando-as a uma amiga do mestrado. Misturo da vida acadêmica e real na forma de metanarrativa, organizada em três camadas: teórica, pessoal e analítica.

A primeira parte desta carta é dirigida aos caros leitores, trata-se este texto, uma narrativa autobiográfica pois somos, parafraseando Connelly e Clandinin (1995), contadores de histórias, uma escolha metodológica e política, que recusa a ideia de academia impessoal e afirma minha voz como parte fundamental do texto.

Ainda esperando contar com a apreciação dos leitores, desde o início gostaria de me dirigir à minha amiga do mestrado, que ainda tem dúvidas se deve ou não entrar no doutorado. Nesta parte, relato medos, descobertas e pequenas vitórias no início do doutorado, com ênfase na saúde mental e na autocobrança. A carta para Ester nasce da necessidade afetiva de compartilhar com alguém que entende os desafios da pós-graduação *stricto sensu*.

Após esta parte mais íntima do texto, retorno aos leitores para objetivar minha aprendizagem e oferecer contribuições a outros pós-graduandos. Para isso, elaboro considerações sobre os desafios de ser professor-pesquisador, a importância das redes de apoio e a possibilidade de equilíbrio mesmo sob pressão. Manter a lista apenas na seção de Considerações Finais; na Introdução, substituir por: "Nessa parte, também apresento uma compilação de temas trabalhados nos seis primeiros meses do doutorado (detalhados nas Considerações Finais).

O fio condutor deste texto é a busca por sentido na produção de conhecimento e na forma como nos relacionamos com ele. Antes ainda, lhes conto que, durante o mestrado, iniciado em janeiro de 2017 e concluído em janeiro de 2020, vivi crises de ansiedade e sempre recorri a estratégias diversas para as superar. Uma dessas estratégias é contemplar a natureza e ficar longe de telas; em crise de ansiedade antes da qualificação, comprei uma passagem para a Bolívia. Nessa viagem, experimentei uma das minhas maiores aventuras ao subir Huayna Potosi (6.088 m). A subida, em três dias, com temperaturas extremas, foi uma experiência sem paralelo em minha vida. Não contarei mais sobre ela, mas a usarei como referência em meus subtítulos. Boa leitura!

A DECISÃO DE ESCOLHER E ENCARAR A MONTANHA: PREPARANDO A MOCHILA

A transição do mestrado para o doutorado representa um momento crucial na trajetória acadêmica de muitos pesquisadores. Enquanto o mestrado, em regra, serve como uma introdução à pesquisa científica, o doutorado exige um salto qualitativo, tanto em termos de profundidade teórica quanto de originalidade na contribuição ao conhecimento.

Nesse sentido, o mais recorrente dos temas que tomam conta das conversas entre estudantes é a saúde mental dos pesquisadores, já que a lógica produtivista presente no ensino superior tem sido associada ao aumento do sofrimento psíquico e ao esgotamento dos pesquisadores, especialmente diante das exigências contínuas de desempenho acadêmico (Silva et al., 2022).

Essa exigência pode levar à autocobrança excessiva, ao esgotamento emocional (Carlotto, 2002), a síndrome de *burnout* e os transtornos mentais comuns estão frequentemente associados à sobrecarga de trabalho e à falta de suporte social no contexto acadêmico. Sabendo que pós-graduandos enfrentam desafios de saúde mental (pressão acadêmica, isolamento, incertezas profissionais e financeiras), adotei o registro semanal de tarefas e percepções emocionais como estratégia de gestão.

A apreensão marcou meu primeiro dia no doutorado. Os registros ocorreram após aulas, diálogos com a orientadora, estudos individuais e trocas com amigos. O texto também objetiva refletir sobre os impactos biopsicossociais e afetivos dos primeiros meses do doutorado na dimensão acadêmica, saúde emocional, relações sociais e identidade do pesquisador.

Ao término do primeiro semestre, reconheci a oportunidade de escrever este texto. Recorri a Crowson (1989), que investigou etnograficamente o cotidiano de diretores de escolas públicas. Ele destacou a 'insubordinação criativa' que é a quebra de regras e adaptação de diretrizes por diretores e equipes. Esse comportamento, apesar de desobediente, era visto como positivo por ajustar diretrizes às condições locais. D'Ambrosio e Lopes (2015) questionam a produção científica tradicional, defendendo o rompimento com regras em busca de novos caminhos. Decidi, assim, apresentar este artigo em formato de carta narrativa.

Narrativas são histórias ou relatos que descrevem eventos, experiências ou situações, geralmente com uma estrutura que envolve início, meio e fim. Elas podem ser ficcionais ou baseadas em fatos, e são usadas para transmitir significados, ideias, emoções ou experiências. As narrativas são uma forma de comunicação que organiza a informação de maneira sequencial, permitindo que o

ouvinte ou leitor entenda a evolução de uma situação. Na pesquisa, as narrativas podem ser usadas para explorar experiências individuais ou coletivas, oferecendo uma compreensão mais profunda sobre uma especificidade a partir da perspectiva de quem vivenciou ou testou. Nas palavras de Connelly e Clandinin (1995, p. 11), "a razão principal para o uso da narrativa na pesquisa em educação é que nós seres humanos, somos organismos que, individual e socialmente, vivemos vidas contadas.

Também Mello nos traz sua justificativa para o uso deste tipo de pesquisa:

Algumas dessas questões se relacionavam com o papel do pesquisador mais próximo e envolvido com os participantes de pesquisa, a linguagem menos canônica no texto acadêmico, a não apresentação de uma única verdade como resultado, mas diante das múltiplas possibilidades de interpretação, o respeito pela linha adotada pelo pesquisador, sem uma visão mais direcionada para validações e busca de verdades comprováveis. (Mello, 2004, p. 84)

Esses apontamentos vêm ao encontro de Paiva (2008, p. 264), ao afirmar que a pesquisa narrativa "consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno", histórias essas, que podem se apresentar em forma de carta.

A metanarrativa, no contexto da produção de artigos que se apropriam do gênero da narrativa, refere-se a uma abordagem que examina e compara diferentes narrativas ou interpretações sobre um tema específico. Neste artigo, usei a metanarrativa, ou seja, a análise na minha própria narrativa, abordando a ansiedade e a necessidade de equilíbrio na trajetória acadêmica, especialmente no doutorado.

E no sentido de descrever essa trajetória, com suas expectativas e momentos reais bem representados pela prosa, cito a poética definição de Josso (2004, p. 59):

O processo de caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural.

A pesquisa narrativa é utilizada em Educação para explorar processos de aprendizagem, identidades e transformações pessoais, e aqui visa ajudar Ester e outros que receiam o doutorado.

Nesse processo, ao analisar narrativas, o pesquisador interpreta não apenas os fatos, mas também os significados atribuídos a eles. Assim, a pesquisa narrativa se torna uma ferramenta poderosa para ouvir os sujeitos e entender a complexidade das relações humanas, compreendidas não mais como narrativas não devem ser compreendidas como meras histórias, mas como construções de significado por meio das quais os sujeitos interpretam suas experiências e atribuem sentido ao mundo (Clandinin & Connelly, 1990),

A pesquisa autobiográfica narrativa explora histórias de vida contadas pelos próprios indivíduos. Para Silva (2020), a autonarrativa é dispositivo potente para a compreensão dos processos de formação humana, permitindo que o sujeito ressignifique experiências e se reconheça como autor de sua própria história. Ao contrário de métodos mais estruturados, a autobiografia narrativa oferece liberdade para que as pessoas expressem suas vivências de forma espontânea, revelando não apenas fatos, mas também emoções, reflexões e significados atribuídos a esses eventos.

Sousa (2018) destaca que a autobiografia narrativa é processo dinâmico de (re)significação, pelo qual o sujeito reconstrói sua história à luz do presente e projeta sentidos para o futuro. Essa construção narrativa é dinâmica, pois as pessoas reinterpretam suas experiências ao longo do tempo, integrando novas perspectivas e contextos.

Além disso, a autobiografia narrativa captura a complexidade da vida humana, contradições, ambiguidades e rupturas, favorecendo a formação e a investigação, ao 'evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura' (Josso, 2007, p. 414).

CAMPO BASE: E AGORA, O QUE ME ESPERA E COMO ENCARAR?

Nesta parte, dirijo-me à minha colega do mestrado, que se tornou mãe após a conclusão do curso e hoje manifesta desejo de retorno aos estudos, mas teme não conciliar doutorado e maternidade. Ester foi escolhida por representar tantas pessoas com inseguranças semelhantes e porque o afeto da interlocução também faz parte desta caminhada. A opção pela carta, e não por artigo formal, permite ir além do relato, conversar com uma amiga, o leitor e comigo mesmo. É um processo de conscientização, no qual a metarreflexão se converte em 'instrumento para transformar novas concepções' (Porlán & Martín, 2001, p. 47).

Enquanto narro, leio e reflito sobre o começo do doutorado, envio essa aprendizagem a Ester e aos leitores.

OS DESAFIOS DA ESCALADA EM MONTANHA NEVADA, RISCOS E SUPERAÇÃO

Cara Ester, espero que esta carta te encontre bem e que você esteja conseguindo, aos poucos, equilibrar a nova rotina com o seu bebê. Escrevo para compartilhar algo que tem estado em meus pensamentos desde que conversamos pela última vez. Lembro-me de como mencionou o peso da decisão de fazer ou não o doutorado, e de como a ansiedade se tornou um visitante constante durante o período do mestrado, com tantas demandas em tão pouco tempo. Pois bem, decidi concorrer a uma vaga. Fiquei muito feliz, pois passei em primeiro lugar.

Enquanto narro, leio e reflito sobre o começo do doutorado, envio essa aprendizagem a Ester e aos leitores. Veio também o medo de estar atrasado nas leituras e perdido quanto ao que é correto. Tinha a necessidade de uma 'receita de bolo' para a dissertação, e essa insegurança retornou antes mesmo do início do doutorado.

O assunto saúde mental era recorrente nas nossas conversas, confirmado por estudos recentes (Zancan et al., 2021; Rosso et al., 2024; Cassiano et al., 2023), que sinalizam essa condição como parte do ambiente na formação do educador. Por isso decidi escrever esta carta. Quero refletir sobre como construímos nossas percepções de dificuldade e sobre como, muitas vezes, elas podem ser mais fruto do medo do que da realidade. Além disso, pretendo compartilhar as pequenas, mas significativas lições, que aprendi desde aquele início atribulado no mestrado até agora.

Ester, não pretendo oferecer respostas prontas, mas dividir contigo algumas reflexões e momentos que, talvez, possam te inspirar a olhar para essa fase com um pouco mais de carinho e ainda te ter como colega do doutorado.

Começando por julho de 2024, quando voltei a me sentar num banco de escola e ao computador para reler alguns artigos e revisar textos que escrevi, acabando por rememorar sentimentos de medo e por reavivar a insegurança, ao pensar em começar algo que demanda tempo e disciplina. Mas a boa notícia é que também me abraçou a certeza de que tenho coragem e capacidade para enfrentar o que vem pela frente.

Estou apavorado com a quantidade de coisas para fazer! No primeiro dia, na apresentação das disciplinas, já recebi algumas demandas sobre encontros, seminários e simpósios. Sei que vou dar conta, espero conseguir fazer tudo que foi demandado. E é sob essa ansiedade do começo e sob o medo do desconhecido, que começo a estudar e registrar algumas coisas que considero importantes.

Destaco já no primeiro dia, depois da apresentação, a mudança do meu projeto inicial, pois agora o tema é o ensino de estatística. Dessa definição, surgiu uma outra demanda por parte da minha professora/ orientadora: ler e mapear cerca de 25 artigos, com o objetivo de, junto com outros professores, montar um panorama das produções sobre o tema da minha pesquisa. Também fui convidado a participar de um grupo de estudos sobre o tema da minha pesquisa, que acontece duas vezes por mês via aplicativo de reuniões, no qual ouvimos sempre algum colega que está trabalhando ou ensinando estatística.

Quando trabalhei com alunos em pesquisas estatísticas, limitava-me a coletar dados em sala, montar tabelas e, às vezes, usar Excel para gráficos. Porém, o tema da estatística é muito mais amplo e profundo, motivo pelo qual aproveito para registrar aqui, que não tive aulas de estatística na minha formação inicial, tampouco na formação continuada. A formação inicial de professores de matemática, inclusive a minha, é frequentemente marcada pela desconexão entre o conhecimento teórico adquirido na universidade e as demandas práticas da sala de aula. Sabemos que muitos cursos de licenciatura ainda adotam um modelo fragmentado, separando disciplinas de conteúdo matemático e pedagógico, o que dificulta a integração desses saberes e a preparação efetiva para o ensino na educação básica.

Trago uma citação sobre a formação inicial Curi (2004, pp. 76-77) aponta que futuros professores concluem a formação sem conhecimentos dos conteúdos matemáticos com os quais irão trabalhar, incluindo conceitos, procedimentos e linguagem. Outra citação sobre formação continuada, que me representa no âmbito das políticas, destacam-se críticas de desprofissionalização, precarização e frágil articulação entre formação inicial, continuada e condições de trabalho (Gatti et al., 2019, p. 177).

A formação em estatística nunca me foi oferecida, mesmo na formação continuada, em quase 20 anos de trabalho. Apenas quando comecei a ensinar Estatística é que me senti na obrigação de estudar para ensinar.

No início, foquei nas disciplinas obrigatórias, lendo os artigos indicados e preparando apresentação sobre dois deles. Sim, a dinâmica segue a mesma, estudamos alguns artigos para discutir na sala de aula e, em certo momento, além de ler os artigos, eu tenho que expor minhas leituras para a turma.

No mês de outubro de 2024, em uma determinada semana, relato que li uma quantidade considerável de artigos, totalizando quinze. Fiquei contente e percebi que há muita informação importante para minha formação como professor e pesquisador. Comecei a analisar o plano e os slides de aulas prontas que o governo disponibiliza, à procura de conteúdos de estatística nesse material para aplicar aos meus alunos e começar a construir duas visões: a de professor em desenvolvimento profissional e a de professor pesquisador. Em paralelo, devo apresentar minhas percepções ao grupo de estudos do qual participo, chamado Grupo de Investigação e Formação em Educação Matemática (GIFEM). Interessante é que encontrei dois artigos quantitativos, fato que me chamou a atenção, pois nunca havia visto esse tipo de pesquisa usando dois grupos: controle e experimental. Neste momento, estou refletindo muito sobre meus projetos e metodologias que devo usar em minha pesquisa.

A estatística que ensino resume-se a obter dados em sala e montar tabelas e gráficos. Gostaria de lembrar que o ensino de estatística é relativamente novo, começou a ser formalmente integrado ao currículo paulista a partir da década de 1990, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1997, que incluíram o bloco de conteúdo chamado "Tratamento da Informação". Esse bloco abrangia noções básicas de estatística e probabilidade, com o objetivo de desenvolver habilidades como coleta, organização, interpretação e análise de dados. No entanto, foi com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2017, que o ensino de estatística ganhou maior destaque no currículo paulista. A BNCC estabeleceu a unidade temática "Probabilidade e Estatística" como parte integrante do currículo de Matemática, reforçando a necessidade de desenvolver competências estatísticas desde os anos iniciais do Ensino Fundamental (Conti & Vila Bôas, 2022).

Hoje, estou me sentindo desvalorizado no meu trabalho, pois não posso usar a cozinha, nem cogitar ir de bicicleta, pois não tem onde guardar, ou ainda usar o banheiro da escola para tomar banho, aliás, trabalhar em escola pública tem sido cada dia mais desmotivador. Isso influenciou minha vontade de seguir no doutorado. Acho realmente que tem dias que estamos bem, em outros, nem tanto.

Na véspera do Dia dos Professores, uma segunda-feira, comecei meu dia em casa, pois não teríamos aula na PUC. Então, usei o dia para terminar minhas leituras de artigos, inclusive, mais um texto em espanhol que, por sinal, consegui entender. Percebi que alguns artigos mais recentes falam

de teoria da aprendizagem significativa e que, ao mencionarem a BNCC, também relacionam essa teoria com o ensino de estatística. Outro termo recorrente encontrado nos artigos que li é o “letramento estatístico”, assunto que irei desenvolver provavelmente na minha tese.

Mesmo assim, sigo empenhado e terminei o mapeamento de 25 artigos sobre estatística. A tarefa, dada pela minha orientadora, consistia em ler e mapear esses textos, entendendo-se que mapear significa ler alguns textos e identificar padrões que possam ser categorizados. Depois, recomeçam-se as leituras para encontrar as informações ou categorias desejadas. Hoje, percebo a importância disso para mim, visto que, no início, me preocupei, pois era a primeira semana de aula e já tinha muitos textos para ler e trabalhos a fazer. As leituras e o mapeamento seriam mais atividades que tumultuariam meu começo de doutorado. Entendo que essa demanda foi crucial para a minha formação, pois peguei o ritmo de leituras, lembrei-me de como se fazia um mapeamento, decidi fazer esta narrativa e adquirir muita teoria sobre o tema da minha pesquisa.

Por sinal, nessa semana, faltei à reunião online do nosso grupo de estudo. Fiquei chateado comigo, pois poderia ter sido mais responsável. Preferi sair com o amigo Deivison, em prol da minha saúde mental. Acho que relaxar de alguma forma também tem que fazer parte dessa jornada.

Até esse momento, já havia lido os artigos que minha orientadora pediu, assim como também já os tinha mapeado. Nas aulas da professora Nana, apresentei seminário, fiz todas as narrativas que ela pediu, e ainda estava terminando um trabalho final relacionando nossas aulas à minha narrativa.

Nesse período, produzi junto a dois colegas de sala um artigo bibliométrico para o professor Calderón sobre estágio pós-doutoral. Uma observação importante nessa semana foi que, inicialmente, eu e meus colegas entendemos que em nosso artigo usaríamos a metodologia “estado da arte”, o qual decidimos mudar para “mapeamento” e, por fim, definimos como “bibliometria”.

Numa sexta-feira, às 10h11, fui para a academia, pois precisava cuidar do corpo também. Ao voltar, continuei a busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) sobre outro artigo que estava escrevendo.

Nos últimos dias de outubro, estive fazendo a leitura flutuante dos artigos sobre “pós-doutorado” e “estágio pós-doutoral”, também retomei a escrita do projeto para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), em busca da bolsa. Você com certeza se lembra, Ester, que eu tinha muita dificuldade em pagar faculdade, você com bolsa integral e eu pagando com meu salário de professor.

Em novembro de 2024, após duas semanas mais tranquilas, com feriado e folga, confesso que na última semana acabei procrastinando, pois estava muito cansado. Na verdade, gastei minha energia para fazer um vídeo: a professora Nana pediu a entrega de um material audiovisual que fizesse referência à nossa disciplina de Narrativas. Então, decidi fazer uma animação em vídeo usando inteligência artificial (IA). Escolhi fatos importantes da minha vida, que me impactaram e fazem parte da minha formação profissional. Considero que o resultado ficou bom para uma primeira experiência.

Até decidi usar IA com meus alunos, comecei a integrar as ferramentas às minhas aulas de Empreendedorismo no E.M., pedindo aos alunos para criarem um logotipo para uma loja fictícia e para fazer propaganda. Por fim, fiquei feliz por ter entregado todos os meus trabalhos das disciplinas do semestre. Cheguei a achar o doutorado mais tranquilo, sem saber se por estar me adaptando melhor ou se realmente estava mais fácil, e esperando que continuasse assim.

Quase encerrando o semestre, mas ainda não as demandas, ao final de novembro, terminei de mapear (eu realmente gosto desse termo!) os temas para minha pesquisa. Então, decidi adiantar também a bibliometria, li muitos artigos, excluí alguns títulos e passei a categorizar e colocar tudo em tabelas, particularmente interessado em tabelas e gráficos, com foco em uma tese construída em colaboração com a professora orientadora. É interessante eu já estar, a essa altura, buscando cursos de estatística em outros lugares, pois estou me cobrando com referência a saber mais coisas, percebendo que estou me cobrando para ser melhor e, talvez, entendendo que isso é parte do ser professor. Pois bem, voltando ao trabalho, os artigos que li, com a ajuda de dois amigos, foram escolhidos como a base do meu primeiro artigo terminado no doutorado. O professor Calderón, da disciplina de Produção de Conhecimento no Campo das Ciências, disse estar contente com nossa escrita. Para minha alegria, tive nota dez nessa disciplina.

Empolgado com a professora Nana, produzi várias narrativas, não sei se gostaram, mas fiz com carinho e tentei não deixar em forma de texto engessado. No trabalho final dessa disciplina Pesquisa colaborativa e uso das narrativas em investigação científica, fiz as animações em IA, transformei em texto parte da minha narrativa. Lembro, então, que fiz e que não postei. Aliás perdi o prazo, mas terminei por me sair bem desse esquecimento. A professora aceitou que eu enviasse depois do prazo, recebi algumas devolutivas e fiquei com nota nove. Aqui, na pele do aluno e não do professor, sempre acho que merecia mais.

Nas aulas de Seminário Avançado de Pesquisa (SAP), me dediquei a estudar alguns métodos potenciais para minha tese. Só não fiquei muito satisfeito comigo em relação à minha tese, em si, já que ainda não tínhamos definido exatamente os temas da pesquisa, me deixando ansioso.

Quase uma hora da manhã, e eu precisando dormir, mas entendendo que estudar até tarde também é parte da vida do doutorando. Eu gosto!

Assim, coloco fim nesta narrativa, porque assim é necessário nesta etapa. Não que ele exista nesta vida de estudar e aprender. Esta sim, não requer e nem aspira ao fim, posto que já estou aqui elencando planos para o próximo semestre. Te apresento aqui a compilação de alguns temas que consigo enxergar ao ler minhas narrativas produzidas durante os seis primeiros meses de doutoramento:

a) Formação Acadêmica e Produção Científica

O primeiro semestre do doutorado exigiu intensa dedicação à leitura de artigos, ao mapeamento de produções acadêmicas e à participação em grupos de estudo. Logo nas primeiras semanas, revisei minha dissertação de mestrado e leituras obrigatórias das disciplinas. Essa carga, embora exaustiva, é essencial para o pensamento crítico e a consolidação do repertório teórico. A escrita, por sua vez, tem me ajudado a organizar ideias e a transformar registros em potenciais artigos. Publicar, para mim, é parte integrante do processo formativo. Já no início do doutorado estou envolvido com a produção de artigos, como o trabalho bibliométrico sobre o pós-doutorado, e reconheço que essa experiência amplia minha capacidade argumentativa, meu rigor metodológico e fortalece minha inserção na comunidade científica.

Sem pensar em dualismos, algumas visões podem ser consideradas nessa minha narrativa sobre produção. A primeira, sem dúvida, é sobre a pressão para publicar: ela é real e muito presente no meio acadêmico, levando a debates sobre produtivismo e qualidade das publicações. Comentários na revista *Cadernos de Pesquisa* problematizam a relação entre a pressão por publicação e a qualidade dos artigos, sugerindo que a ênfase excessiva na quantidade pode comprometer a excelência científica (Vilaça & Palma, 2015). Na outra ponta, posso compreender a necessidade das universidades incentivarem publicações devido ao peso dessa prática no ranqueamento das instituições. Ainda concordo com a pesquisa de Araújo e Miguel (2017) da UFPR, que identificaram o reconhecimento acadêmico como sendo a principal motivação para publicar. Sinto que todos os casos se aplicam a mim.

b) Saúde Mental e Emoções no doutorado

Ao reler minha narrativa, percebi indícios de desafios relacionados à saúde mental. Não me vejo em situação de transtorno clínico, mas reconheço sintomas como ansiedade, cansaço e autocobrança excessiva. Ainda que tenha conseguido organizar minha rotina, a definição do tema da tese, os prazos e as leituras constantes continuam gerando tensão. Sinto que cobro demais de mim mesmo. Às vezes, acredito que deveria ter feito mais, o que me leva a um ciclo de frustração. Sei da importância de cuidar do meu bem-estar, mas me pego priorizando tarefas em detrimento do descanso. Apesar disso, percebo que o doutorado está mais tranquilo do que o mestrado. Isso não significa que seja mais fácil, mas agora consigo organizar melhor o tempo, já que as aulas ocorrem apenas uma vez por semana. A experiência adquirida anteriormente me ajuda a enfrentar os desafios com mais maturidade e equilíbrio.

Nos poucos textos que se propuseram a falar sobre a saúde mental do pós-graduando *stricto sensu*, posso destacar um estudo que identificou que discentes de pós-graduação enfrentam sentimentos de ansiedade, estresse e depressão, frequentemente relacionados à pressão por produtividade e prazos acadêmicos (Silva et al., 2022). Outro autor relaciona dificuldades no gerenciamento do tempo, elevadas demandas dos programas, insegurança quanto ao futuro profissional e problemas financeiros relativos ao autofinanciamento das pesquisas, fatores estes que impactam negativamente a relação dos estudantes com seus cursos (Moura et al., 2024). Percebo que nesse primeiro ano, até agora, as pressões existem, mas são menores, e eu ainda não percebi sintomas em mim mesmo e nem foram levantados nas conversas com meus colegas temas ligados à ansiedade e à depressão.

c) Prática Docente e Desafios na Escola Pública

Conciliar o doutorado com o trabalho na escola pública tem sido desmotivador e ao mesmo tempo desafiador. Além disso, a falta de recursos básicos, revela um contexto institucional que desconsidera as necessidades dos profissionais. Outra coisa que me deixa chateado é a formação continuada que recebo na escola estadual paulista: é insuficiente, rasa e longe da realidade dos alunos, limitando-se, por vezes, à exibição de aulas já ministradas, sem espaço para reflexão crítica e, diante disso, tenho buscado cursos online e presenciais, a fim de integrar novas práticas pedagógicas, como o uso da IA, para aplicar de forma concreta o que aprendo no doutorado à minha sala de aula.

Entendo que apesar de me sentir mais apto, mais reflexivo e mais consciente da minha formação continuada, muito do que aprendi não conseguia pôr em prática na sala de aula. Um trabalho de revisão de literatura apresentado no X Congresso Nacional de Educação (CONEDU), examinou a desconexão entre teoria e prática na formação de educadores. Os autores identificam fatores como a falta de integração curricular nos programas de formação de professores e a abordagem fragmentada dos conteúdos teóricos como contribuintes para essa desconexão, ressaltando a necessidade de promover uma integração mais eficaz entre teoria e prática desde o início da formação docente (Santos, 2024). Outro estudo indica que a leitura de artigos científicos pelos docentes promove reflexões sobre as práticas escolares e facilita a incorporação de conhecimento ao cotidiano pedagógico, reduzindo a distância entre a produção acadêmica e a prática escolar (Coutinho; Folmer; Puntel, 2014). Já em minha visão, a estrutura da educação estadual paulista dificulta a melhoria, ao reduzir a formação continuada a vídeos orientando a seguir slides.

d) Relações Interpessoais e Redes de Apoio

As relações com professores, colegas e amigos têm sido fundamentais no processo de adaptação ao doutorado. Professores como Luciana e Calderón também desempenham papel importante. Respectivamente, destaco, aqui, o esforço da professora, ao criar um ambiente acolhedor e criativo nas aulas de narrativas; por parte do professor, ao exigir precisão metodológica e produção acadêmica. Destaco ainda a relevância dos colegas da universidade, como meu colega de sala Wellington, cujos companheirismo e colaboração deixam as experiências do doutorado mais leves.

Essas interações constroem uma rede de apoio que ultrapassa o conteúdo acadêmico, oferecendo suporte emocional e motivacional. Já no mestrado (Bassani, 2020), eu apontava a importância dessas relações na minha formação. O estudo de (Galdino et al., 2016) afirma que o suporte da família e de grupos de amigos funcionam como fator protetivo preponderante para a saúde mental do estudante. Equilíbrio entre Vida Pessoal, Acadêmica e Profissional

Tenho consciência da importância de buscar equilíbrio. Apesar das demandas, mantenho atividades físicas, como academia, trilhas e escaladas, o que me ajuda a enfrentar o estresse. Também valorizo momentos de lazer e descontração com amigos, como quando escolhi sair com Deivison em vez de participar de uma reunião. Uma escolha pontual, mas necessária.

Cito aqui, o “ócio criativo”, que é um conceito que valoriza o tempo livre como uma oportunidade para a criatividade e o desenvolvimento pessoal, uma pausa produtiva que permite a resolução de problemas e o surgimento de novas ideias. Na área educacional, o ócio criativo é visto como uma ferramenta valiosa para o processo de aprendizagem. Habowski e Conte (2020) discutem que a educação deve incentivar experiências de ócio criativo, permitindo que os indivíduos combinem lazer, trabalho e diversão com a prática do aprendizado contínuo. Portanto, busco estratégias para enfrentar a sobrecarga, como o uso de tecnologias que podem otimizam o tempo e a dedicação a cursos e leituras voltados ao meu aprimoramento.

e) Identidade Docente e Perspectivas Futuras

Minha trajetória no mestrado e doutorado tem aprofundado minha visão crítica sobre minha prática docente. A formação que recebo, e busco por conta própria, tem me levado a repensar minha atuação, minha postura em sala e meu compromisso com a educação. Há um desejo constante de melhorar, de inovar e de encontrar formas mais significativas de ensinar. Essa motivação me move, mesmo diante dos desafios, e me ajuda a manter o foco em um caminho mais consciente, engajado e, sobretudo, humano.

Sobre a formação continuada docente não tenho a intenção de explanar um tema tão amplo, mas destaco algumas considerações de alguns autores. A formação profissional docente deve ser compreendida como um processo contínuo, dinâmico e permanente, que ultrapassa os limites da formação inicial obtida na graduação. Ao longo da carreira, o professor é constantemente interpelado por novos desafios, contextos e sujeitos, exigindo dele uma postura reflexiva e investigativa sobre sua própria prática. Nesse sentido, a reflexão crítica sobre a prática docente torna-se um eixo fundamental da formação, permitindo ao educador analisar suas ações, reconhecer seus limites e possibilidades e buscar estratégias mais coerentes com os objetivos da educação. A valorização da experiência docente é outro aspecto central, pois reconhece que os saberes construídos no cotidiano escolar, nas relações com os alunos, com os colegas e com a comunidade, são fontes legítimas de conhecimento profissional. Longe de serem vistos como meros reprodutores de teorias pedagógicas, os professores devem ser reconhecidos como sujeitos que produzem saberes a partir da prática. Para que essa produção seja significativa, é essencial promover uma articulação constante entre teoria e prática. A teoria, nesse contexto se comporta como uma ferramenta de análise e compreensão das

práticas pedagógicas. Do mesmo modo, a prática deve ser problematizada à luz da teoria, possibilitando a construção de novos sentidos e caminhos para a ação educativa (Nóvoa, 1992; Pimenta, 1999; Tardif, 2002; Libâneo, 2002).

Assim, a formação docente se realiza em um movimento contínuo de construção e reconstrução, no qual o professor se constitui como sujeito ativo de sua própria formação, comprometido com a transformação da escola e da sociedade.

Chegada ao cume: legado histórico e exploratório dessa aventura

Prestes a iniciar o segundo semestre do doutorado, leio minha narrativa, faço uma leitura dos meus sentimentos no semestre anterior e tento encontrar em mim algumas repostas de como estou. Ciente de que não existem em minha cabeça gavetas de sentimentos separados, para exemplificar, mostro aqui algumas das minhas impressões: sinto-me motivado pelo interesse genuíno no meu tema de pesquisa e na possibilidade de contribuir para a melhoria da formação docente. Essa motivação me move, mesmo diante dos desafios, e me ajuda a manter o foco em um caminho mais consciente, engajado e, sobretudo, humano.

No contexto geral, estou vivendo um momento intenso da minha vida, dividido entre o doutorado, o trabalho como professor e minhas reflexões pessoais sobre educação e formação. Tenho me dedicado a ler artigos, mapear produções acadêmicas e participar de um grupo de estudos, tudo enquanto tento conciliar essas demandas com minha vida pessoal e profissional. Além disso, estou refletindo sobre minha formação inicial e continuada, reconhecendo lacunas no meu conhecimento, especialmente em estatística, e buscando maneiras de superá-las. Sim, terei que estudar mais.

Ao reler minha narrativa, percebi alguns sinais que podem indicar desafios relacionados à minha saúde mental. Embora eu não ache que esteja enfrentando um transtorno clínico, reconheço que há aspectos que merecem atenção. Sabendo que esses sintomas existem, posso enfrentá-los. Sinto uma preocupação constante com as demandas do doutorado, como leituras, prazos e apresentações. No início do semestre, me senti apavorado com a quantidade de tarefas e, embora tenha conseguido organizar minha rotina, ainda sinto um peso sobre os ombros, especialmente quando penso na definição do tema da minha tese, indicando ansiedade. No trabalho, tenho me sentido desvalorizado. Percebo também uma autocobrança excessiva, pois sempre acho que poderia

ter feito mais ou que merecia notas melhores, mesmo quando recebo elogios dos professores. Essa cobrança interna pode estar me levando a um ciclo de frustração e insatisfação. Tenho me sentido muito cansado, especialmente depois de noites em que estudo até tarde. Reconheço que isso pode estar afetando minha saúde física e mental, mas ainda acho difícil priorizar o descanso, quando há tantas tarefas pendentes. Por vezes, me sinto inseguro sobre minha capacidade de gerir as demandas do doutorado e de ser um bom pesquisador, mas não deixei de estudar e sigo fazendo minhas atividades físicas como academia, andar de bicicleta, praticar trilhas e escaladas. Ao analisar as narrativas do primeiro semestre, percebo que outros temas, para além da saúde mental, emergem com força do texto.

O primeiro deles é a importância de ler e escrever. O início do doutorado é marcado por uma demanda intensa de leituras e escritas. Logo nas primeiras semanas, me deparo com a necessidade de revisitar textos antigos, como minha dissertação de mestrado, e mergulhar em novos materiais. Além disso, há as leituras das disciplinas obrigatórias, os seminários, as apresentações e a produção de narrativas e trabalhos acadêmicos. Esse volume pode parecer avassalador, mas é parte essencial do processo de formação como pesquisador. A leitura constante não só amplia o repertório teórico, mas também ajuda a identificar tendências na área de pesquisa, enquanto a escrita permite organizar as ideias e consolidar o pensamento crítico sobre o tema.

Ao ler os artigos, percebi lacunas na minha formação e na prática docente, o que me motivou a buscar cursos adicionais e a refletir sobre minha própria trajetória. Para exemplificar, trago Freire (1997, pp. 43 - 44), ao dizer que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. A leitura contínua permite que você se atualize sobre as discussões mais recentes em sua área, enquanto a escrita ajuda a estruturar suas ideias e a comunicar suas contribuições de forma clara e consistente. Além disso, a escrita é uma ferramenta poderosa para registrar o processo de pesquisa, prova disso é que até esta narrativa feita semanalmente me trouxe conhecimentos, como a metanarrativa; além disso, a escrita traz também a possibilidade de registros que não só servem como um diário de bordo, mas também podem se transformar em artigos.

Publicar durante o doutorado é um passo crucial para consolidar a presença na comunidade acadêmica. Desde o começo já estou envolvido na produção de artigos, como o trabalho bibliométrico sobre pós-doutorado, que me permite ir construindo um portfólio a ser submetido a

revistas científicas. Publicar não só valida o meu trabalho perante meus pares, mas também abre portas para colaborações, participação em eventos e futuras oportunidades de pesquisa. Além disso, a experiência de submeter artigos, receber *feedback* e revisar textos é um aprendizado valioso que contribui para o aprimoramento da minha escrita e da minha capacidade de argumentação. Publicar antes do doutorado me ajudou muito a concorrer a bolsas de estudo. Portanto, mesmo que pareça desafiador, é importante encarar a publicação como parte integrante do processo de formação e não apenas como um objetivo final.

Em seguida, destaco minha visão da escola depois que me tornei pesquisador, almejando pesquisar e trabalhar em uma escola pública, mirando nas mudanças no meu trabalho. O texto revela os desafios de conciliar o doutorado com o trabalho em uma escola pública, um cenário marcado por demandas exaustivas e, muitas vezes, desvalorização profissional, desafios cotidianos, somados à carga de leituras, escritas e pesquisas do doutorado, criam um ambiente de tensão e cansaço. No entanto, essa dupla jornada também evidencia minha resiliência e compromisso, mostrando que apesar das dificuldades, busco equilibrar as duas frentes, mesmo que isso signifique abdicar de momentos de descanso ou lazer. Após concluir o mestrado e ingressar no doutorado, minha visão sobre o trabalho na escola pública parece ter se aprofundado e se tornado mais crítica. Ao analisar o texto, consigo ver claramente algumas lacunas na formação inicial e continuada, especialmente em relação ao ensino de estatística, reconhecendo que muitas dessas deficiências são reflexos de um sistema educacional fragmentado e desarticulado, salientando aqui, a fragilidade da formação continuada, sem estímulo à criticidade. Essa nova percepção me levou a buscar aprimoramento por conta própria, sobretudo na área da estatística. Além disso, comecei a empregar novas práticas em sala de aula, como o uso de IA, demonstrando disposição para melhorar minha prática docente a partir do que aprendi nas minhas leituras do mestrado e do doutorado.

O último tema que salta aos olhos quando faço minha leitura, é a relação com as pessoas. No texto, fica evidente que os professores desempenham um papel fundamental no meu processo de adaptação ao doutorado. A orientadora, por exemplo, não só direciona as leituras e pesquisas, mas também oferece demandas que, embora desafiadoras, são essenciais para começar a entender do assunto até então não pesquisado por mim. Além disso, a professora Nana, parece criar um espaço acolhedor para reflexões e produções criativas, como o vídeo produzido usando IA. Já o professor Calderón, com suas exigências em relação à bibliometria e à produção de artigos, contribui para o

desenvolvimento do rigor metodológico, patenteando a importância da produção acadêmica para mim e para a universidade. Também destaco, na minha narrativa, a importância dos meus colegas da universidade. Lá no mestrado, já destacava a importância das pessoas na minha formação, desde a graduação, amigos e apoio que recebi para melhorar meu trabalho. Além disso, a troca de experiências e conhecimentos com os colegas, seja durante as aulas ou nos grupos de estudo, como o GIFEM, cria um ambiente de apoio mútuo. Essas interações não só facilitam a compreensão de conteúdos complexos, mas também ajudam a construir uma rede de suporte, inclusive emocional. A ajuda mútua entre professores e colegas é um fator que contribui significativamente para o meu crescimento acadêmico. No texto, mencionei que, apesar das dificuldades, sinto que o doutorado está mais tranquilo do que o mestrado, e parte disso pode ser atribuído ao ambiente colaborativo que encontrei. Agradeço especialmente à Solange e ao Wellington por ajudarem nesse começo de jornada. A possibilidade de dividir tarefas, discutir ideias e receber *feedback* construtivo facilita a organização das demandas e a superação de obstáculos, além disso, a convivência com pessoas que compartilham objetivos semelhantes cria um senso de pertencimento e motivação, essenciais para manter o foco e a produtividade. Essa rede de apoio, formada por professores e colegas, não só facilita a adaptação ao doutorado, mas também fortalece minha trajetória como pesquisador e educador.

Apesar dos desafios, percebo que tenho algumas características e hábitos que me ajudam a lidar com as dificuldades. O mestrado e esse início do doutorado me fizeram perceber algumas coisas importantes que devo enfrentar. Reconheço minhas limitações e estou disposto a buscar formação adicional. Também entendo a importância de cuidar da minha saúde mental e de buscar equilíbrio. Percebi que tenho o apoio de colegas e professores, o que tem sido fundamental para enfrentar com as demandas do doutorado. Além disso, valorizo momentos de descontração com amigos, o que me fez perceber que é justa a necessidade de me divertir. Apesar das dificuldades, sinto um interesse genuíno pelo tema da minha pesquisa e pela melhoria da minha prática docente.

Ao reler minha narrativa, percebi que sou uma pessoa dedicada e engajada, mas que enfrento desafios relacionados à ansiedade, desânimo e autocobrança excessiva, acho importante dar mais atenção à minha saúde mental e ao equilíbrio entre trabalho e vida pessoal. Acredito que, com o suporte adequado e estratégias de enfrentamento, posso continuar progredindo na minha jornada acadêmica e profissional de forma saudável.

Para responder à indagação inicial, referente a detectar sinais de que o doutorado pode afetar minha saúde mental, posso responder que tem sido mais tranquilo que o mestrado. Não porque seja mais fácil, mas porque agora tenho mais tempo para organizar minhas atividades e prioridades devido ao intervalo entre as atividades, com aulas presenciais apenas uma vez por semana, o que ajuda muito. Além disso, a experiência adquirida no mestrado me ensinou a gerir melhor com as demandas acadêmicas e a enfrentar desafios com mais confiança. A maturidade que adquiri ao longo do caminho me permite encarar os obstáculos de forma mais serena e estratégica. Por isso sinto que estou mais preparado para essa nova etapa.

Assim, amiga Ester, convido você a considerar essa trajetória como viável e, em muitos momentos, mais tranquila que o mestrado. Inscreva-se e venha fazer o doutorado já no próximo semestre. A gente se ajuda. Vai ser divertido. Abraços.

Os nomes Ester, Wellington e Deivison são pseudônimos adotados para garantir o anonimato e a confidencialidade, conforme os critérios éticos de pesquisa.

AMIGOS QUE ME AJUDARAM NA CAMINHADA

- Araújo, P. C. de & Miguel, S. E. (2017). Motivações dos discentes do programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Paraná (UFPR) para publicar em periódicos científicos no domínio do Direito. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 22(1), 38–56. <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2710>
- Bassani, L. A. (2020). *Tendências de grupos colaborativos que estudam matemática no ensino fundamental expressas em teses e dissertações defendidas entre 2001 e 2017*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Carlotto, M. S. (2002). A Síndrome de Burnout e o trabalho docente. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 7(1), 21-29, jan./jun. [https://www.scielo.br/j/pe/a/hfg8JKJTYFpgCNgqLHS3ppm/?format=pdf\(=pt](https://www.scielo.br/j/pe/a/hfg8JKJTYFpgCNgqLHS3ppm/?format=pdf(=pt)
- Cassiano, C., Guimarães, V. H. A. & Gonçalves, J. R. L. (2023). Não importa o que você sente ou pensa, você precisa ser produtivo e eficiente – Vivências e percepções dos estudantes de mestrado e doutorado no Brasil. *Revista Brasileira de Revisão de Saúde*, 2, 5860–5879. DOI: 10.34119/bjhrv6n2-114
- Clandinin, D. J.; Connelly, F. M. (1990). Stories of Experience and Narrative Inquiry. *Educational Researcher*, 19(5), 2-14.
- Clandinin D. J. & Connelly, F. M. (2011). *Pesquisa Narrativa: experiências e história em pesquisa qualitativa*. Uberlândia: EdUFU.
- Connelly, F. M. & Clandinin, D.J. (1995). *Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa*. In: Larrosa, J. (org.). *Déjame que te cuente. Ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Editorial Laertes.
- Conti, K.C. & Vila Bôas, S.G. (2022). A Educação Estatística e Probabilística nos Anos Iniciais no Brasil. *Revista Baiana de Educação Matemática*, 1, e202219, 19 dez.
- Coutinho R. X., Folmer V., & Puntel R. L. (2014). Aproximando universidade e escola por meio do uso da produção acadêmica na sala de aula. *Ciência e Educação*, 20(3), 765–783. <https://doi.org/10.1590/1516-73132014000300016>

- Crowson, R. L. (1989). Managerial ethics in educational administration. The rational choice approach. *Urban Education*, 23(4), 412 – 435.
- Curi, E. (2004). *Formação de professores polivalentes: uma análise de conhecimentos para ensinar Matemática e de crenças e atitudes que interferem na constituição desses conhecimentos*. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- D'Ambrosio, B. S. & Lopes, C. E. (2025). Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. *Bolema* [online], 29(51), 1-17.
- Freire, P. (1997). *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.
- Garcia, A. dos S. (2022). Avaliação da qualidade do sono em pós-graduandos de mestrado e doutorado e sua relação com os sintomas de depressão, ansiedade e estresse. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Gatti, B. A., Barretto, E. S. S., Andre, M. E. D. A., & Almeida, P. C. A. (2019). *Professores do Brasil: novos cenários de formação*. [S. l.: s. n.]
- Habowski, A.; Conte, T. M. (2020). Educação e ócio criativo: experiências e aprendizagens. *Linhas Críticas*, Brasília, 26, e24711. <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/24711/32160>
- Josso, M. (2004). *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez.
- Libâneo, J. C. (2002). *Didática*. São Paulo: Cortez.
- Moura, D. M. O. De, Fernandes, M. A., Alencar, N. M. B. de M., Barbosa, N. S., Ribeiro, A. A. de A., & Ribeiro, I. A. P. (2024). Fatores relacionados ao estresse psicológico em estudantes de pós-graduação: revisão integrativa. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas* (Edição em Português), 20, e-222660. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2024.222660>
- Galdino, M. J. Q. et al. (2026). Síndrome de Burnout entre mestrandos e doutorandos em enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*, 29(1), 100–106, fev.
- Silva, A. S. da et al. (2022). Produtivismo acadêmico e sofrimento psíquico no ensino superior pós-pandemia: cansaço e vida danificada como o novo normal. *Revista Convergência Crítica*, 1(21).

- Nóvoa, A. (1992). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Paiva, V. L. M. (2008). A pesquisa narrativa: uma introdução. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA)*, apl., 8(2), 261-266. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982008000200001&lng=en&nrm=iso
- Pimenta, S. G. (1999). Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: Pimenta, Selma G. (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez.
- Pinzón, J. H., Sanchez, G. M., Machado, W. de L., & Oliveira, M. Z. de. (2020). Barreiras à Carreira e Saúde Mental de Estudantes de Pós-graduação. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 21(2), 189-201, jul./dez. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v21n2/a07v21n2.pdf>
- Porlán, R. I. & Martín, J. (2001). *El diario del profesor: un recurso para investigación en el aula*. Díada: Sevilla.
- Rosso, M. L., Rippel, C. E., Acosta, M. G., Andrade, S. V. R., & Priotto, E. M. T. P. (2024). Comportamento suicida em estudantes de pós-graduação stricto sensu. *Revisão integrativa. Interfaces Científicas – Humanas e Sociais*, 12(2), 5–19. <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2024v12n2p5-19>
- Santos, K. R., Sousa, E. R., & Brito, M. S. (2024). Distanciamento entre teoria e prática na formação de educadores: uma revisão de literatura. *Anais do X CONEDU*. Campina Grande, PB. Realize Editora. <https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/110189>
- Silva R. C., Sampaio de Oliveira Farias, M. E., Martins Damian, I. P., Brito, J. F., & Capinzaiki Ottonicar, S. L. (2022). Saúde mental e os desafios enfrentados pelos discentes de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil. *Rev. cuba. inf. cienc. salud [Internet]*, 33. <https://acimed.sld.cu/index.php/acimed/article/view/2050>
- Silva, J. C. S. (2020). *Narrativas autobiográficas e formação de professores: diálogos entre memória, identidade e prática pedagógica*. São Paulo: Editora Livraria da Física.
- Sousa, E. R. (2018). *Narrativas autobiográficas e formação de professores: memórias, identidades e saberes*. Curitiba: CRV.
- Tardif, M. (2002). *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes.

Vilaça M. M. & Palma A. (2015). Comentários sobre avaliação, pressão por publicação, produtivismo acadêmico e ética científica. *Cadernos de Pesquisa [Internet]*, 45(158), 794–816.
<https://doi.org/10.1590/198053142836>

Zancan, R. K., Machado, A. B. C., Boff, N., & Oliveira, M. S. (2021). Estresse, ansiedade, depressão e inflexibilidade psicológica em estudantes universitários de graduação e pós-graduação. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(2), 749-767. <https://doi.org/10.12957/epp.2021.61067>

Artigo submetido em: 23 de abril de 2026.
Aceito para publicação em: 19 de julho de 2026.
DOI: 10.51146/connectscij.v8i1.90

Informações do autor:

Nome: Luiz Ademir Bassani

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9104-381X>

Titulação: Doutorando em Educação na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Campinas, Mestre em Educação pela PUC-Campinas. Atualmente, é professor da rede pública de ensino do Estado de São Paulo.

E-mail: luiz.bassani.indaia@gmail.com

Editor Geral

Eduardo César Pereira Souza—Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)

Editoras Adjuntas

Juliana Hortelã Pedrone Valério—Universidade Estadual do Paraná (Unespar)

Maria da Conceição Oliveira—Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Editora Científica

Kátia Denise Moreira—Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)